

FH está satisfeito com seu governo

Assessores dão conta de que presidente faz balanço positivo de seus ministros no primeiro ano e despreza a figura do articulador

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — Nas conversas com seus assessores mais próximos, Fernando Henrique Cardoso afirma que está satisfeito com o desempenho de seus ministros no primeiro ano de governo, quando estiveram voltados para arrumar a casa e racionalizar a administração. “Os ministérios cumpriram suas metas”, comentou um assessor. Mas em 96, quando cada ministério terá o primeiro orçamento feito por este governo, a expectativa é de que todos os ministros passem a uma fase de realizações concretas. “O governo será mais executivo a partir de agora”, disse um interlocutor do presidente.

Nesta determinação terá que se enquadrar o ministro da Saúde, Adib Jatene, que comprou uma briga com os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Planejamento, José Serra, para que o governo assumisse a proposta de instituir a Contribuição sobre Movimentação Financeira (CMF) para financiar a Saúde, e ficou praticamente paralisado enquanto aguarda a aprovação do imposto no Congresso. “O trabalho do Jatene não será só o de arrecadar, ele vai ter que fazer”, disse o interlocutor de Fernando Henrique, referindo-se a necessidade de maior rigor para coibir as fraudes nos hospitais.

Resultados — Mas é positivo o balanço que o presidente vem fazendo de seu primeiro ano de governo. Com a inflação sob controle e as reformas econômicas aprovadas, Fernando Henrique está afirmando que não vê razões para fazer uma reforma ministerial e nomear um articulador político.

“O Fernando Henrique disse que teria uma presidência forte e cumpriu. Por isso, ele acabou discutindo a pasta cor-de-rosa e, de repente, entra também nos casos Dallari e Sivam. É o ônus da presidência forte”, comentou o assessor, explicando que esse comportamento não vai mudar.

O presidente não abre mão de ter as rédeas de seu governo e, por isso, segundo seus interlocutores, não incluiu ainda em seus planos a nomeação de um articulador político. “O articulador vai substituir o Fernando Henrique? Porque, se não vai, é mais um para brigar”, disse um amigo, ao referir-se às

pressões de lideranças partidárias e ministros que defendem a idéia.

Por tudo isso, o presidente não se nega a debater o assunto. Foi o que fez recentemente, quando conversou com o presidente da Câmara, deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), sobre a possibilidade da função ser exercida pelo deputado Aloísio Nunes Ferreira (PMDB-SP), ex-vice-governador de São Paulo. O presidente, mesmo tendo recebido sinal verde de Luís Eduardo, não fez o convite a Aloísio esperando outras reações.

Condição — O próprio presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), colocou-se contra a escolha dizendo que o governo não precisa de um articulador. Aliás, esta tem sido a tática do presidente para rejeitar o articulador: condicionar sua nomeação ao apoio unânime de todos os aliados.

Com a firme disposição de vender para os investidores internacionais a mais ampla imagem de estabilidade, Fernando Henrique resistiu a todas as pressões para mudar seu ministério. “O presidente não é de descartar pessoas e jamais cometeria uma injustiça. Ele não é de tomar decisões de supetão”, disse um auxiliar. Foi assim que Fernando Henrique sustentou no governo os ministros da Agricultura, José Eduardo Andrade Vieira; da Indústria e Comércio, Dorothea Werneck; da Saúde, Adib Jatene; e da Casa Civil, Clóvis Carvalho, que estiveram sob fogo cerrado dos aliados políticos.

Esta tem sido sua postura no caso do vazamento da pasta cor-de-rosa. Quando pressionado pelo PFL a agir com presteza, inclusive demitindo diretores do Banco Central, Fernando Henrique preferiu o caminho administrativo, determinando a abertura de uma sindicância, mesmo que a demora resultasse em estragos políticos.

A disputa política por espaço no governo entre os partidos aliados - PSDB, PFL, PMDB, PTB e PPB - também funciona como um inibidor para que se façam mudanças sem um motivo forte. A manutenção da base política no Congresso, considerada fundamental para aprovar as emendas da Previdência, administrativa e tributária, inviabiliza qualquer mudança mais profunda do ministério.

Brasília — Jamil Bittar



Hélvio Romero — 10/11/95



Arnildo Schulz — 17/06/94



Luís Antônio — 21/12/94



□ Fernando Henrique ficou satisfeito com o desempenho de seus ministros no primeiro ano de governo e mostrou firmeza para sustentar Dorothea Werneck (abaixo à esquerda), na pasta da Indústria e Comércio; e Clóvis Carvalho (acima), na Casa Civil, que estiveram sob ataque feroz dos aliados políticos. A única demissão no primeiro escalão surgiu de onde menos se esperava: a área militar. O ministro da Aeronáutica, Mauro Gandra (E), caiu vítima do caso Sivam